

O mistério da nação

Vejamos agora aquilo que, constituído ao mesmo tempo na sociosfera e na noosfera, comporta, simultaneamente, ideologia, mito e religião, sendo um ser feito de substâncias diversas reunidas em uma só: a nação.

O Estado-nação é um ser ao mesmo tempo social, político, cultural, ideológico, mítico, religioso. Trata-se de uma sociedade com um território definido e organizada; uma entidade política dotada de um Estado e de leis próprias; culturalmente, uma comunidade de destinos comportando a sua memória e os seus costumes particulares; um sistema ideológico de racionalização autocêntrica; um ser mítico, de substância ao mesmo tempo maternal e paternal: a Mãe-Pátria. É, enfim, como viu Toynbee, uma religião de um tipo específico, na qual, de maneira quase durkheimiana, o Estado-nação autodeifica-se. Todos esses elementos são, não apenas complementares, mas recursivamente associados, cada um produzindo os outros que o produzem.

Um ser tão complexo assim se formou, de maneira multissecular e aleatória, primeiro na Inglaterra, França, Espanha; o seu acabamento mitológico e ideológico realizou-se na e através da Revolução francesa, quando o Estado-nação se torna soberano legítimo e absoluto.

Uma vez estabelecida, a fórmula do Estado-nação difundiu-se muito rapidamente, primeiro na Alemanha e na Itália, depois em toda a Europa e, enfim, no século XX, no planeta inteiro. Por vezes em simbiose, outras vezes em oposição à religião oficial do país, o Estado-nação, divinizado de forma matripatriótica, institui de fato uma religião própria, comportando o seu culto e os seus sacrifícios, que se alimenta do amor e da obediência absoluta dos “filhos da pátria” (Morin, 1987a, p. 61-64).

Assim, o Estado-nação é uma entidade sociológica original porque, ao mesmo tempo, implica uma realidade histórica concreta e uma realidade noosférica não menos concreta que se comunicam através das suas raízes: a nação enraíza-se em profundidade no solo

material/biológico da “terra e dos mortos”, onde se encontra justamente a sua substância mítica: “terra-mãe”, “mãe-pátria”.

As teorias da nação são todas insuficientes. Quanto à sua natureza noológica, Michelet e Renan bem observaram que a nação é um ser de espírito, enquanto os alemães viam nela um ser “biológico”. Esses dois pontos de vista, na verdade, complementam-se: *a nação é um ser vivo metabiológico porque é um ser de espírito*.

Hoje, quando se coloca o problema da superação do Estado-nação, a dificuldade não está somente nos interesses em jogo, mas, também, na consistência mítico-religiosa das nações que continuará a resistir vitoriosamente enquanto não forem constituídas entidades superiores, de forte densidade mitológica, como a Europa e, sobretudo, enquanto a idéia de humanidade não alcançar o zênite mitológico do planeta Terra.

Conclusão

Teorias, doutrinas, filosofias, ideologias não podem ser julgadas somente como erros ou verdades na tradução que fazem da realidade; não têm de ser concebidas como produtos de uma cultura, de uma classe ou de uma sociedade. São também seres noológicos, alimentando-se de substância mental e cultural e algumas delas, carregadas de forte substância mítico-religiosa, podem desenvolver um extraordinário poder de subjugação e de posse.